Lição 10: Algumas dificuldades são resolvidas

737. Após discutir a contrariedade dos movimentos e dos repousos, o Filósofo agora levanta algumas questões sobre esses assuntos. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, levanta questões e as resolve;

Em segundo lugar, explica certos pontos que ainda podem ser duvidosos a respeito dessas questões, a partir do parágrafo 747.

A primeira parte se divide em três seções, uma para cada questão que ele levanta. Sobre o primeiro ponto, ele faz duas coisas:

Primeiro, levanta uma questão;

Em segundo lugar, a resolve, a partir do parágrafo 740.

738. Portanto, ele primeiro (551) levanta a questão de por que é que, no gênero do movimento local, mas não nos outros gêneros, encontram-se alguns movimentos e repousos que são segundo a natureza e outros que não são segundo a natureza. Por exemplo, por que é que existem alterações segundo a natureza, mas nenhuma que não seja segundo a natureza? Pois ficar saudável não parece ser segundo a natureza ou não segundo a natureza mais do que ficar doente, já que cada um se origina de um princípio natural intrínseco. O mesmo vale em relação a ficar branco e ficar preto, ou no crescimento e no decréscimo, pois os primeiros movimentos não são tão contrários entre si a ponto de um ser segundo a natureza e o outro não, já que cada um é um processo natural. Nem o crescimento é contrário ao crescimento de tal modo que um seja segundo a natureza e o outro não. O mesmo vale para a geração e o deixar-de-ser: pois a geração não pode ser dita segundo a natureza e o deixar-de-ser não segundo a natureza, já que envelhecer — que é o caminho para o deixar-de-ser — é segundo a natureza. Tampouco parece que uma geração é segundo a natureza e outra não.

739. Ora, parece que o que ele diz aqui se opõe a uma declaração em *Sobre o Céu*, de que a velhice e todo defeito e deixar-de-ser são contra a natureza. Mas deve-se dizer que a velhice, o deixar-de-ser e o decréscimo são contra a natureza em um sentido e segundo a natureza em outro. Pois, se considerarmos a natureza específica de algo, isto é, sua natureza particular, é claro que todo deixar-de-ser, todos os defeitos e todo decréscimo são contra a natureza: porque a natureza de cada coisa tende a preservar o sujeito no qual existe, enquanto o contrário disso ocorre quando a natureza é fraca ou defeituosa.

Mas, se considerarmos a natureza em geral, todas essas coisas resultam de um princípio natural intrínseco, assim como a destruição de um animal resulta da contrariedade do quente e do frio; e o mesmo vale para todos os outros.

740. Então, em (552), ele responde a essa questão invalidando-a. Sobre isso, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra que as coisas segundo a natureza e não segundo a natureza são encontradas em todos os gêneros;

Em segundo lugar, como essas duas coisas são contrárias quando ocorrem em movimentos e estados de repouso, a partir do parágrafo 742.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, determina a verdade;

Em segundo lugar, remove uma objeção, a partir do parágrafo 741.

Ele diz, portanto, primeiro (552) que, já que o que acontece por compulsão é contrário à natureza (porque a compulsão surge de um princípio externo a uma coisa, de tal modo que a coisa que sofre a compulsão não coopera, enquanto o que é natural vem de um princípio intrínseco), segue-se que o deixar-de-ser compulsivo é contrário ao deixar-de-ser natural, assim como um deixar-de-ser que está fora da natureza se opõe a um segundo a natureza.

Segundo o mesmo argumento, ele conclui que algumas gerações são compulsórias e não segundo o destino, i.e., não segundo a ordem das causas naturais (porque a ordem das causas naturais pode ser chamada de "destino"), como quando uma pessoa cultiva rosas ou frutos por meios artificiais fora da estação ou quando a geração de rãs ou outras coisas naturais é obtida artificialmente. Consequentemente, já que essas gerações são compulsórias, estão fora da natureza e são contrárias às gerações segundo a natureza.

Ele mostra o mesmo para o crescimento e o decréscimo. Pois alguns casos de crescimento são compulsórios e não naturais, como é evidente em pessoas que atingem o estado de puberdade em um tempo anormalmente curto, devido à vida mansa ou à alimentação, i.e., são alimentadas abundantemente e com iguarias. O mesmo também é aparente no crescimento do trigo, pois às vezes os grãos crescem de forma não natural devido à abundância de umidade e não são compactos, i.e., tornados grossos e sólidos pela digestão normal.

Da mesma forma nas alterações. Algumas são compulsórias e outras naturais, como é especialmente evidente no processo de cura. Pois alguns se recuperam da febre nos dias críticos e outros não nos dias críticos. Os primeiros são curados segundo a natureza e os últimos não segundo a natureza.

741. Em (553) ele levanta uma objeção contra o que foi dito anteriormente. Pois, visto que o que está fora da natureza é contrário ao que está de acordo com a natureza, então, se há gerações que são segundo a natureza e outras que não, e o mesmo para o cessar-de-ser, segue-se que os casos de cessar-de-ser são contrários não à geração, mas uns aos outros, porque uma coisa não pode ser

contrária a duas.

Mas ele resolve isso dizendo que nada impede que a geração seja contrária à geração, e o cessar-de-ser ao cessar-de-ser. Isso é verdade, mesmo que se abstraia da contrariedade entre o que é segundo a natureza e o que é contra a natureza. Pois, se tomarmos o caso de algo doce vindo a ser e depois cessando de ser, e o caso de algo triste vindo a ser e cessando de ser, os dois casos de vir-a-ser seriam contrários e os dois de cessar-de-ser seriam contrários. (Quando ele fala do vir a ser e do cessar de ser do "doce", ele se refere a quando "algo mais nobre vem a ser a partir do menos nobre que cessou de ser, como quando o fogo é gerado a partir do ar; por outro lado, o vir a ser e o cessar de ser do "triste" refere-se ao menos nobre vindo a ser a partir do cessar-de-ser do mais nobre, como quando o ar é gerado a partir do fogo).

Agora, embora o cessar-de-ser seja contrário ao cessar-de-ser, não se segue que não seja oposto ao vir-a-ser, pois o cessar-de-ser é oposto ao vir-a-ser quando ambos são tomados genericamente, enquanto o cessar-de-ser é oposto ao cessar-de-ser em um sentido específico. Por exemplo, a avareza é contrária à liberalidade da mesma forma que um vício é contrário a uma virtude, mas é oposta à prodigalidade como uma espécie a outra. Assim, o que ele conclui é o seguinte: o cessar-de-ser é contrário ao cessar-de-ser, não em um sentido genérico, mas um cessar-de-ser é isto e aquele outro, ou seja, forçado e além da natureza, ou doce e triste.

742. Em (554) ele explica a contrariedade no movimento e no repouso com base em estarem fora da natureza e de acordo com a natureza. E ele diz que não apenas o vir-a-ser é contrário ao vir-a-ser e ao cessar-de-ser do ponto de vista de estar fora da natureza e de acordo com a natureza, mas, em geral, todos os movimentos e repousos são contrários dessa maneira. Por exemplo, um movimento para cima é contrário a um para baixo (porque cima e baixo são contrariedades de lugar) e cada um desses movimentos é natural para certos corpos: pois o fogo é naturalmente levado para cima e a terra para baixo. E, novamente, em relação a cada um desses movimentos, pode-se tomar como diferenças contrárias aquilo que está de acordo com a natureza e aquilo que está fora da natureza. E é isso que ele quer dizer quando afirma que "essas contrariedades no movimento são diferenças", ou pode significar que, em relação aos próprios corpos que são movidos, há diferenças contrárias em seus movimentos, ou seja, de acordo com a natureza e fora de sua natureza. Pois um movimento para cima é natural para o fogo, mas um para baixo não. Portanto, é claro que um movimento que está de acordo com a natureza é contrário a um que está fora da natureza.

Da mesma forma para os estados de repouso. Pois o repouso que está acima é contrário a um movimento para baixo. Mas o repouso acima não é natural para a terra, enquanto um movimento para baixo é. De acordo com o exposto, então, é claro que o repouso que está fora da natureza é contrário ao movimento natural do corpo envolvido, pois mesmo no mesmo corpo, os movimentos são mutuamente contrários, no sentido de que o movimento natural de um corpo é contrário a um movimento não natural do mesmo corpo. O mesmo é verdade para o repouso; pois alguns repousos contrários serão de acordo com a natureza, como o repouso acima para o fogo e o repouso abaixo para a terra; outros estão fora da natureza, como o abaixo para o fogo e o acima para a terra.

743. Em (555) ele levanta a segunda questão: Todo estado de repouso que não é eterno tem um vir-a-ser, cujo vir-a-ser é chamado de *chegar a uma parada*? A resposta parece ser "não" por duas razões. Primeiramente, se há vir-a-ser de todo estado de repouso que não é eterno, seguir-se-á que há vir-a-ser para estados de repouso que estão fora da natureza (como quando a terra está em repouso acima). Ora, o repouso só pode ser produzido por um movimento anterior, e o movimento que precede um estado de repouso não natural é forçado. Consequentemente, segue-se que quando a terra é violentamente projetada para cima, é então que o repouso vem a ser. Mas isso não pode ser, porque "a velocidade daquilo que chega a uma parada parece sempre aumentar", ou seja, quando o repouso está sendo gerado através do movimento, é verdade que, à medida que o estado de repouso se aproxima, o movimento se torna mais rápido. Pois, visto que a perfeição do vir-a-ser é a coisa produzida, e visto que cada coisa se torna mais forte e mais intensa à medida que se aproxima de sua perfeição, segue-se que o movimento através do qual o repouso é produzido é mais rápido quanto mais se aproxima do repouso, como é abundantemente claro nos movimentos naturais.

Mas nas coisas que são movidas por compulsão ocorre o contrário: pois o movimento se torna menos intenso quanto mais se aproxima do estado de repouso. Consequentemente, o repouso forçado não é gerado. É isso que ele quer dizer quando afirma que algumas coisas chegam ao repouso por compulsão "sem terem se tornado assim", ou seja, de tal forma que seu repouso não é gerado.

744. Ele dá a segunda razão em (556) e é esta: *Chegar a uma parada*, i.e., o vir-a-ser do repouso, é inteiramente o mesmo que o movimento natural pelo qual algo é levado ao seu lugar natural, ou é algo que acontece acompanhá-lo. Ora, é claro que ambos são a mesma realidade, embora diferindo em concepção. Pois o objetivo de um movimento natural é estar em um lugar natural, mas estar em um lugar natural e estar em repouso nele são realmente a mesma coisa. Consequentemente, um movimento natural e o vir-a-ser do repouso são a mesma coisa na realidade e diferem apenas em concepção. No entanto, é evidente que o repouso forçado não é produzido por um movimento natural. Portanto, chegar a uma parada não está presente em estados de repouso forçados, ou seja, tais estados não são gerados.

745. Em (557) ele levanta uma terceira questão sobre um ponto mencionado na Aula 3, de que o repouso em A é contrário ao movimento a partir de A. Ora, isso parece ser falso, porque quando algo é movido a partir de A como de um lugar, ou A está sendo abandonado, como no caso de uma qualidade ou quantidade, enquanto está sendo movido ainda parece ter aquilo que é descartado ou deixado para trás. Pois uma coisa não abandona todo o seu lugar de uma só vez, mas sucessivamente; da mesma forma, é apenas gradualmente que perde a brancura. Portanto, enquanto está sendo movido, ainda retém algo do ponto de partida. Se, portanto, o estado de repouso pelo qual algo permanece em um ponto de partida é contrário ao movimento pelo qual a partida é feita a partir daí, segue-se que dois contrários estão juntos — o que é impossível.

746. Em (558) ele resolve essa dificuldade. E diz que o que está sendo movido ao partir de seu ponto de partida está em repouso nele não absolutamente, mas apenas em certo sentido, ou seja, no sentido de que não está ali inteiramente, mas parcialmente, porque é universalmente verdade que, em todos os casos de movimento, parte do móvel está no *termo de onde* e parte no *termo para onde*. Nem é inaceitável que um contrário seja misturado com outro em um certo aspecto;

mas quanto menos misturado, mais perfeitamente é contrário. Portanto, um movimento é mais contrário a outro movimento (já que nunca se misturam) do que um repouso, que de alguma forma se mistura.

Finalmente, em resumo, ele diz que falamos sobre movimento e repouso e como a unidade e a contrariedade são encontradas neles.

747. Em (559) ele apresenta algumas coisas que esclarecerão o exposto. (Diz-se que essas passagens não são encontradas nos manuscritos gregos e, segundo o Comentador, nem mesmo nos manuscritos árabes; consequentemente, essas afirmações parecem ter sido extraídas dos ditos de Teofrasto ou de algum outro expositor de Aristóteles). Três coisas são aqui postas na tentativa de esclarecer o exposto.

A primeira diz respeito à questão anteriormente levantada sobre a geração do repouso não natural. E ele diz que alguém pode se perguntar sobre "Chegar a uma parada", i.e., sobre o vir-a-ser do repouso, pois se todos os movimentos que estão fora da natureza têm um estado de repouso oposto, ou seja, não natural, esse estado de repouso vem a ser? Se é sustentado que não há "chegar a uma parada" em casos de repouso forçado, algo inaceitável se segue. Pois é claro que uma coisa em movimento forçado algumas vezes permanecerá, i.e., chegará ao repouso, por compulsão. Consequentemente, seguir-se-á que algo estará em repouso não eternamente sem ter chegado ao repouso — o que parece impossível. Mas é evidente que às vezes há repouso forçado. Pois assim como as coisas são movidas fora de sua natureza, também repousam fora de sua natureza. Deve-se observar, porém, que o que aqui é dito parece contrário ao que foi dito acima (em 743). Daí Averróis dizer que agora se dá uma solução a uma questão anteriormente levantada.

No entanto, é melhor dizer que a doutrina anterior contém mais verdade, embora o que aqui é dito também seja de alguma forma verdadeiro. Pois o repouso forçado, estritamente falando, não é gerado no sentido de que procede de uma causa que é essencialmente produtora de repouso, como acontece quando os repousos naturais são gerados. Mas o repouso forçado é gerado *per accidens* pela falta de uma força produtiva, porque quando a compulsão do motor cessa ou encontra um obstáculo, o estado de repouso forçado vem a ser. É por isso que os movimentos forçados se enfraquecem no final, enquanto os naturais se tornam mais intensos.

Deve-se notar também que se encontra outro texto para este lugar, ao qual devemos dar atenção. Pois ele diz: Alguém pode perguntar se a um movimento fora da natureza se opõe algum repouso contrário não segundo a natureza? Isto não indaga se, propriamente falando, um estado de repouso contrário à natureza se opõe a um movimento contrário à natureza, como Aristóteles ensinou acima; ao contrário, aqui se fala agora em termos amplos e frouxos, no sentido da oposição geral entre repouso e movimento. E ele diz que parece irrazoável não encontrar estados de repouso não naturais. Pois é claro que a violência do motor cessará em algum momento e, a menos que o repouso ocorra, o movimento não chegará a uma parada. Portanto, é claro que a movimentos forçados se opõem estados de repouso forçados, porque ao que é movido fora de sua natureza pertence o repouso fora de sua natureza.

748. Em (560) ele menciona um segundo fato para explicar sua doutrina sobre a contrariedade do movimento natural e forçado. E diz que, visto que certas coisas estão sujeitas a movimentos que

são segundo a natureza e fora de sua natureza, como o fogo é movido para cima segundo a natureza e para baixo fora de sua natureza, surge a questão: o movimento natural para cima do fogo tem como contrário o movimento forçado para baixo do fogo ou o movimento natural para baixo da terra?

Ele responde que ambos são contrários ao movimento natural para cima do fogo, mas não da mesma maneira. Pois o movimento para baixo da terra é contrário ao movimento para cima do fogo como algo natural contrário a algo natural, enquanto um movimento para baixo do fogo é contrário ao movimento para cima do fogo como algo natural contrário a algo forçado. O mesmo é verdade para a contrariedade dos estados de repouso.

749. Em (561) ele menciona um terceiro ponto para explicar o que disse anteriormente sobre a contrariedade do repouso ao movimento. E diz que talvez o movimento não seja estritamente oposto ao repouso, mas apenas em algum sentido. Pois quando alguém está sendo movido a partir de A, no qual estava em repouso, e o está deixando, parece reter algo de A. Portanto, se o repouso neste lugar é contrário a um movimento deste lugar para um lugar contrário, segue-se que os contrários estão juntos. Mas, ainda assim, uma coisa está de alguma forma em repouso enquanto persevera em A; de fato, falando geralmente de uma coisa em movimento, parte dela está no *termo de onde* e parte no *termo para onde*. Consequentemente, o repouso é menos contrário ao movimento do que um movimento contrário, como foi explicado acima.

Finalmente, ele resume, como é evidente por si mesmo.

O fato de que as mesmas palavras que apareceram em uma passagem anterior (ver final de 246 acima) são repetidas, apoia a possibilidade de que não são palavras de Aristóteles, mas de algum expositor.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:33:34 by Admin
Updated 1 October 2026 23:48:48 by Admin